

Recensões

A Interpretação do Carisma

Reflexões sobre o Tema a partir de Aspectos Metodológicos do Livro *Carisma*: êxtase e perda de identidade na veneração ao líder, de Charles Lindholm

(Trad. Carlos Augusto C. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993)

1

Professor do Departamento de Antropologia e Estudos Sociais da Universidade de Harvard, Charles Lindholm despontou nesta última década por seus estudos na área de antropologia comparativa e pelo célebre trabalho que temos a oportunidade de comentar.

Na tentativa de ilustrar e compreender o fenômeno do carisma, Lindholm reúne, nesta obra, teoria e estudos de casos, ordenados segundo uma lógica tradicional — primeiro momento: teoria; segundo momento: prática —, em função da idéia central que orienta seu estudo, a saber, de que a relação carismática é constitutiva do ser humano. Para Lindholm, haveria no homem a *necessidade* de estabelecer uma relação íntima com “alguém” carismático. Esta relação carismática, porém, precisa ser expressa em relações sociais. Para o autor, a relação carismática busca o êxtase — um arrebatamento íntimo, um enlevo, arroubo, encanto —, mas constitui também uma perda de identidade.

A seqüência proposta no sumário trata das seguintes unidades temáticas. *Parte Teórica*: as teorias sociais das paixões, passando

por David Hume, os utilitaristas, Stuart Mill e Nietzsche; uma sociologia do irracional, por Weber e Durkheim; o hipnotismo e a psicologia da multidão, em Mesmer, Le Bon e Tarde; a psicologia freudiana da multidão; o carisma como doença mental ou como ressocialização; e algumas teorias sintéticas do carisma: Robert Lifton e a “reforma do pensamento”, teorias fisiológicas do transe, Christopher Lasch e a “cultura do narcisismo”. *Parte Prática*: Adolf Hitler e o Partido Nazista; Charles Manson e a família; Jim Jones e o Templo do Povo; os xamãs e a sociedade; Conclusão, que estuda o carisma na atualidade.

Na busca por responder à possibilidade de descobrir uma estrutura teórica no discurso sobre o carisma que ajudasse a dar sentido ao que parece sem sentido, Lindholm pergunta inicialmente sobre o significado emocional e psicológico que o envolvimento em um movimento carismático tem para os líderes e os seguidores. A questão se fundamenta em, ou parte da necessidade de, descobrir a dinâmica interna que une os líderes e o grupo, e de que maneira esta interação é construída pelo contexto social.

Dito de outro modo, o autor pretende, a partir de uma perspectiva histórica e social, extrair um *modelo das emoções* que possa ao mesmo tempo fornecer um *paradigma rudimentar* para hierarquizar as necessidades humanas básicas e permitir *conceitualizar* os complexos aspectos históricos, sociais e psicológicos do carisma. Quer-se dizer, com isto, que não estando satisfeito com a concepção dada até o momento para o conceito de “carisma”, Lindholm pretende estranhá-lo, rastreá-lo e ressemantizá-lo, estabelecendo pistas para entendermos sua extensão e articulação.

Charles Lindholm não procede a uma análise improvisada ou diletante. Ao contrário, a parte teórica discute as principais abordagens sobre a questão do carisma, enquanto que a parte prática apresenta exemplos — tidos como clássicos — que trouxeram a reflexão sobre o carisma para a sociedade contemporânea. Ao tratar a experiência xamânica de sociedades tribais, mostra-se com propriedade a habilidade destes sistemas em manter a coesão social e satisfazer necessidades humanas fundamentais de congregação

social — a figura do xamã funcionando como pólo regulador das relações homem/natureza e homem/sociedade. Assim nos é dito que nas sociedades xamânicas as “experiências de participação carismática estão integradas na rotina da vida, e reforçam a aceitação do mundo como ele é” (p. 203). Portanto, nota-se que o autor está bem equipado para estabelecer o carisma (ou a relação carismática) como fonte de ações baseadas na emoção.

2

O autor apresenta um panorama da situação atual, qual seja, um ressurgimento de ondas de fanatismo, de incidentes domésticos de violência, de revoltas populares, de “evangélicos” pela TV, enfim, de uma grande onda de cultos aparentemente irracionais. Todos esses fatos, exibidos diariamente pela mídia, somados aos casos que Lindholm trabalha na parte prática do livro, parecem impossibilitar e tornar precária qualquer reflexão ou discurso racional sobre o carisma. Isto porque tais fatos parecem pôr em xeque o poder da razão, ou da racionalidade moderna. Eles são circunstâncias que ressaltam a importância e atualidade do problema carisma.

O carisma tem sido compreendido basicamente como: carisma enquanto dom gratuito, graça conferida pelo divino; e carisma enquanto habilidade para influenciar outros, certamente em conexão física, emocional e intelectual com o líder carismático. Nos dois modos o carisma envolve um compulsivo e *inexplicável* vínculo emocional. Sem descartar o carisma como algo intrínseco ao indivíduo, Lindholm observa que o carisma só se dá em relação com o outro, sendo portanto uma combinação *sócio-psicológica* entre o “íntimo eu” do líder e do seguidor.

Além de observar este *escândalo* moderno, Lindholm desenvolve uma tentativa no sentido de mostrar, principalmente na Parte Teórica e na Conclusão, que o conceito de carisma possui ampla extensão. Ele é um termo plurivalente, uma noção amorfa, podendo significar o campo dos devotos, fanáticos, e o fervor das multidões; passando à veneração a astros de cinema, heróis do esporte e da política; à “capacidade individual de cada um de *aderir*

ao conjunto”, tendo em vista a agregação natural dos homens; e indo até mesmo, num paralelo entre amor e carisma, ao estabelecimento de uma relação carismática entre amante e amado.

No entanto, pode-se elencar alguns elementos que são comuns à articulação do conceito, tais como: o carisma implica sensação de êxtase; constata-se um afastamento de si, do “eu íntimo”, que o autor denomina de perda de identidade; o carisma se dá, como regra geral, dentro de um grupo, voltado à veneração de um líder; há uma dosagem forte de sacrifício por parte daqueles que se submetem ao líder carismático; ele é uma forma de comprometimento, de ligação compulsiva; é um *processo* de maior ou menor envolvimento dos participantes, pois estes se “apaixonam ou deixam de se apaixonar”. Desse modo, como observa Lindholm, a fonte das ações está baseada na emoção, ultrapassando, portanto, a uma categorização racional pura. Portanto, pode-se dizer que o carisma é uma *maneira* de falar de certos aspectos emocionais da interação social.

Em sua tentativa de interpretar o fenômeno do carisma, o autor desenvolve uma análise da origem e necessidade de participação em movimentos carismáticos. Ele coloca em foco os principais motivos que levam à adesão a uma relação carismática, tais como: o afastamento das raízes socioculturais; o contexto de abandono e descaso social; a ansiedade provocada por situações adversas e sem sentido; as mudanças rápidas e desordenadas de sociedades; a destruição de valores tradicionais, de costumes que não mais se sustentam; a ausência de limites estáveis, muito comum em sociedades que promovem a competição e a luta por *status*. No fundo, a descrição do autor coaduna-se com uma análise da sociedade ocidental contemporânea, demonstrando que “aqueles que se vêm desvalorizados e confusos pela desintegração do tecido social estão prontos a abrir mão de uma identidade, já prejudicada, em troca da aceitação em um grupo no qual, devido à sua intensidade e objetivo, a existência se transforma em algo transcendente” (p. 10).

De outro modo, pergunta o autor sobre a possibilidade de fundamentação racional de ações que aparentemente são irracionais, mas que possuem um sentido social. Responde pela “racionalidade”

da ação carismática, como portadora — e mesmo doadora — de sentido, e um sentido passível de discurso científico. O que está em jogo na dinâmica do carisma, que se mostra poderosa, ambivalente, temida, e ao mesmo tempo desejada, é, em determinada escala, a questão da relação do homem com a sociedade por ele construída, ou a sociabilidade humana. Para Lindholm, o carisma é, portanto, elo ou corrente que une os dois pólos supracitados (homem e sociedade), exatamente por tramitar no mais íntimo eu e nas mais explícitas relações sociais.

3

Os pontos de partida ou pressupostos metodológicos para se pensar o carisma são: o discurso popular sobre a experiência subjetiva do carisma; e o discurso de estudiosos do fenômeno carismático. Após explorar paradigmas teóricos e casos para testar como estes modelos funcionam, Lindholm estabelece três momentos essenciais:

Momento 1: o indivíduo carismático — uma qualidade inata magnética, que não se aprende —, que pode ser denominado pólo psicológico;

Momento 2: o carisma é relacionamento — mútua ligação íntima entre o líder e o seguidor —, que pode ser denominado pólo social;

Momento 3: o momento da exaltação, do desprendimento e intensidade emocional, que estão além da consciência comum dos indivíduos que, em função do sentimento de atração, perdem suas identidades pessoais na veneração ao outro carismático.

Para uma análise da dinâmica do próprio grupo carismático, há necessidade de *contextualizar* o estudo, pois o objeto é variável, obedece a uma relação histórica, à variedade dos grupos sociais, suas circunstâncias e perspectivas. Para referendar o que concebe Lindholm, pode-se citar a seguinte passagem:

Na verdade, apesar das condições sociais que parecem promover reações carismáticas, os movimentos carismáticos não são tão comuns nem tão irresistíveis como poderíamos imaginar (...); isto acontece porque as pessoas no mundo

ocidental moderno, na realidade, têm experiências de perda do eu que são análogas, mas geralmente menos intensas, àquelas proporcionadas pelo envolvimento carismático. Ao contrário do carisma, essas sensações foram canalizadas, moldadas e difundidas de tal forma que não ofereçam uma ameaça à estrutura social, e de fato mantenham o *status quo* tal como o movimento carismático faz nas sociedades xamânicas. (...) essa sustentação torna-se muitas vezes frágil, e algumas vezes estas situações podem se tornar mais envolventes, expansivas, poderosas e perigosas. (P. 204.)

E é aqui, na nossa opinião, que Lindholm dá o salto: de uma teoria transcendente do carisma, do carisma como algo inexplicável, como dom de Deus; a uma teoria das emoções, a uma psicologia social. Aqui está o valor, na nossa opinião, da teoria postulada por Lindholm, enquanto patrocina pistas para compreendermos o fenômeno do carisma a partir do próprio homem, do sujeito que interage consigo e com o meio social. Diríamos que o autor está tentando estabelecer pressupostos para uma Psicologia Social, pondo-a em discussão, numa tentativa de expansão do horizonte da racionalidade para podermos explicar adequadamente o fenômeno carismático.

4

A relação carismática é constitutiva do ser humano, podendo se apresentar de diversas maneiras ou alternativas. O autor propõe, na conclusão, um mapa destas alternativas, constituindo assim, propriamente, a sua teoria sobre o carisma, que tem como principal pressuposto o fato de que

o problema da era moderna não é a experiência carismática em si: o carisma, afinal, é uma dádiva. A questão, então, não é saber se tais momentos de desprendimento e comunhão continuarão existindo. Eles fazem parte da nossa condição humana. A questão é saber que forma estes momentos terão. (P. 219.)

A proposta de mapeamento de Lindholm se desenvolve em quatro momentos: a) as alternativas públicas seculares para o carisma; b) o carisma na religião; c) relações íntimas de fusão carismática e auto-abandono; d) a díade romântica — ápice do processo —, o amor romântico visto pela cultura como a fonte mais importante, mais motivadora e mais comum de ligação idealizada na era moderna. Vale relevar que há um privilégio, em todos os momentos, do caráter socialmente construído.

a) *A ética do consumo*: trata-se de uma satisfação, um “pequeno” êxtase; nas imagens de poder sexual e atração e nos prazeres materiais, o homem depressivo, insatisfeito, encontra seu “pequeno” momento de bem-estar total e felicidade; a ligação entre indivíduos e Estado: a Nação torna-se a maior geradora do sentido de participação social, provando que pode ser o pólo forte que evita a anomia e inteira perda de sentido do social; a idolatria aos heróis do esporte e do mundo artístico.

b) *O carisma institucionalizado* e adaptado dentro do contexto das religiões modernas. O autor cita entre elas a “nova era”, a cientologia e a “renovação carismática”, apontando para a formação de um “círculo íntimo de iniciados, em direção ao culto carismático — estabelecendo uma verdadeira devoção a um líder carismático, cuja revelação é o fundamento da experiência do grupo”. Há, nitidamente, um comprometimento, uma exigência de mudança, uma conversão, um total envolvimento em um culto carismático, ao menos temporariamente.

c) *O lar da classe média*, enquanto representa a “família ideal”, um modelo de relação íntima e de puro zelo, compreensão e empatia quase plenas; ou, a amizade ideal, proveitosa emocionalmente, duradoura, cuidadosa, um lugar seguro fora do campo competitivo; estes dois momentos se vêem solapados pela família e amigos reais, frustrados e ambivalentes.

Para o autor, os três momentos alternativos para o carisma têm como pólos, de um lado, o indivíduo ansioso por estabelecer uma relação frutífera, prenhe de sentido e vivacidade, e, de outro lado, uma instância ou figura ideal. Mas para ambos, incontáveis vezes, a relação está fadada à frustração.

O quarto momento se destaca por ser culturalmente reconhecido, um estágio ou processo necessário ao desenvolvimento pessoal, que proporciona o mecanismo mais eficiente de vinculação emocional e social. Segue-se, assim, uma análise do autor em torno das semelhanças entre carisma e amor romântico, idealizado pela cultura. Senão vejamos:

d) *O amor romântico* passa a imagem de que o respeito de um amante para com o outro reafirma para todos os componentes da sociedade que a “transcendência sobre as hostilidades e alienações é possível”, garantindo desta forma a possibilidade e viabilidade da sociedade. Por ser, ao mesmo tempo, poderoso, envolvente e também inofensivo — não põe em xeque as estruturas sociais —, ele é a melhor e mais eficiente alternativa ou “válvula de escape” para as intensas emoções que, se canalizadas de outro modo, podem gerar a anomia social. Assim lemos que “O amor é a alternativa mais eficaz para se manter a civilização, ou a sociedade, ou a coesão social”.

A racionalidade do carisma se funda neste “modelo de estrutura emocional” proposto por Lindholm, ao tratar as alternativas para o carisma, através do qual os participantes da interação simbólica — valorização do ideal — ultrapassam o nível puramente psicológico, e situam-se no nível da possibilidade de convivência e coesão social, da possibilidade de vida em comunidade.

5

A reflexão do autor é muito rica em suas ilustrações e argumentações, baseadas em uma bibliografia especializada, e elaboradas com uma linguagem simples e acessível, não deixando, contudo, de manter um estilo científico, rigoroso e sofisticado.

O projeto de Charles Lindholm é ambicioso e inovador. Ambicioso por pretender esboçar uma teoria geral das emoções, tendo como chave interpretativa o conceito de carisma. Pois, como ele mesmo observa, seu estudo tem limitações muito visíveis, tais como permanecer dentro de um contexto ocidental e centrar a parte prática em casos cujos líderes são figuras masculinas. Em certos

momentos, podemos até mesmo questionar até que ponto, de acordo com o recorte feito, Lindholm possui bases suficientes para suas conclusões. Por outro lado, ele é inovador ao propor uma teoria *sui generis* sobre a experiência carismática, em escala alternativa, a saber, enquanto constitutiva do humano e patrocinadora de coesão social.

Em nosso comentário, deu-se ênfase à questão de fundo do trabalho de Charles Lindholm: os pressupostos para se pensar o carisma a partir de uma abordagem sócio-psicológica. No entanto, a sua pesquisa oferece ainda uma discussão sólida sobre teorias do carisma e uma descrição de casos e manifestações carismáticas, às quais apenas acenamos aqui. Esta nota bibliográfica é, portanto, apenas um convite ao leitor para debruçar-se sobre um trabalho que abre perspectivas para abordar a enigmática experiência do carisma.

Carlos Márcio Viana Lima
Mestrando, Pós-Graduação em Ciência da Religião/UFJF